

REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA ÉTICA NO CURSO DE ECONOMIA

Max Nunes Murtinho¹

Resumo: Diversas são as razões para a presença de uma disciplina que trate sobre ética num curso de graduação de ciências econômicas. Mesmo havendo um forte hiato entre a contribuição ética e a teoria econômica, necessidades teóricas e práticas demandam a reflexão sobre questões morais em sala de aula. Desde o papel profissional do economista, passando pela aceitação quase geral do Utilitarismo como um pressuposto da teoria econômica, e chegando na prática de fraudes na academia, a reflexão ética se impõe. Tendo isso em vista, o propósito da pesquisa é realizar uma pesquisa bibliográfica que trata sobre a importância da ética como disciplina teórica no curso de economia e fazer reflexões sobre sua importância. Os resultados mostram que os posicionamentos parecem ainda superficiais, genéricos e esparsos. Poucos são os artigos encontrados, a maioria sequer tem citações, e as que tem, são em pequeno número. Para quem interessa pesquisar sobre o tema, o ambiente é praticamente inexplorado e ignorado. A ciência econômica parece desejar a emancipação da ética, aumentando o hiato em vez de diminuir.

Palavras-chave: Economia; Filosofia Moral; Ética Aplicada; Ética no Ensino Superior.

REFLECTIONS ON THE IMPORTANCE OF STUDYING ETHICS IN THE ECONOMICS COURSE

Abstract: There are several reasons for including a discipline on ethics in an undergraduate economics course. Even though there is a large gap between ethical contributions and economic theory, theoretical and practical needs demand reflection on moral issues in the classroom. From the professional role of the economist, to the almost general acceptance of Utilitarianism as a premise of economic theory, and even the practice of fraud in academia, ethical reflection is essential. With this in mind, the purpose of this research is to gather bibliography that deals with the importance of ethics as a theoretical discipline in economics courses and to reflect on its importance. The results show that the positions still seem superficial, generic and sparse. There are few articles found, most of them do not even have citations, and those that do, are few in number. For those interested in researching the subject, the environment is practically unexplored and ignored. Economic science seems to want to emancipate ethics, increasing the gap instead of reducing it.

Keywords: Economics; Moral Philosophy; Applied Ethics; Ethics in Higher Education.

1 Graduado e Mestre em Economia pela UFMT; Doutor em Administração pela UNINOVE; Docente em regime de dedicação exclusiva na Faculdade de Economia da UFMT.

1 INTRODUÇÃO

Vários são os motivos para se ter uma disciplina de ética na grade de um curso de economia. Mesmo havendo um forte hiato entre a contribuição ética e a teoria econômica, necessidades teóricas e práticas demandam a reflexão sobre questões morais em sala de aula. Desde o papel profissional do economista, passando pela aceitação quase geral do utilitarismo como um pressuposto da teoria econômica, e chegando na prática de fraudes na academia, a reflexão ética se impõe. Mesmo assim, nem todas as instituições do país se preocupam em ter uma disciplina obrigatória com esse tema.

As rápidas mudanças tecnológicas que vem ocorrendo nas últimas décadas facilitou substancialmente o acesso à informação (Gama *et al.*, 2013), incluindo aí uma internet cada vez mais rápida e a utilização sem limites de inteligências artificiais na construção de textos. Isso alterou significativamente a característica dos discentes acadêmicos. Há pontos positivos e negativos. Se por um lado, o acesso à informação é mais facilitado, tornando o potencial da aula mais robusto e desafiador para o docente, por outro lado, algumas dificuldades se impõe. Uma delas são os dilemas éticos no meio acadêmico. As universidades parecem ainda mal preparadas para lidar eficazmente com o plágio e a fraude acadêmica (Sutherland-Smith, 2010).

Estudos sobre a ética acadêmica são raros fora do Estados Unidos (Gama *et al.*, 2013; Teixeira; Rocha, 2010). A fraude acadêmica cometida pelos alunos no ensino superior, quando não detectada, é um fator que perturba a justiça comparativa da avaliação no contexto universitário, e prolonga seus efeitos na sociedade por meio de profissionais impreparados e predispostos à transgressão legal e ética. A fraude dos alunos e a injustiça na sua avaliação é um problema com implicações em vários níveis da vida coletiva, afetando não só a reputação das instituições universitárias (Walker, 2010), mas podendo também ser decisivo para o desenvolvimento econômico e político de um país (Teixeira; Rocha, 2010). O debate atual sobre questões éticas no domínio profissional alerta para a importância de conhecer melhor o fenômeno da fraude no ensino superior, enquanto preditor de comportamentos futuros (Rumyantseva, 2005).

Portanto, o objetivo desta pesquisa é levantar bibliografia que trata sobre a importância da ética como disciplina teórica no curso de economia e fazer reflexões sobre sua importância.

A pesquisa sobre este tema é, no entanto, repleta de dificuldades (Gama *et al.*, 2013). Por um lado, ainda não existe uma definição simples de fraude acadêmica que delimite o conceito e determine as suas fronteiras teóricas (Teixeira; Rocha, 2010). Por outro, decorrente dessa indefinição, a ausência de uma medida clara que inclua as diversas dimensões da fraude constitui outro obstáculo à comparabilidade dos estudos sobre a ética dos alunos do ensino superior (Walker, 2010). Além disso, estudos confirmam uma aceitabilidade de práticas acadêmicas imorais durante a realização dos cursos (Lawson, 2004; Nonis; Swift, 2001; Smyth; Davis; Kroncke, 2009).

2 REVISÃO TEÓRICA

Diversos autores sustentaram que a ética tem forte relação com a ciência econômica. Adam Smith afirmou que a economia política é uma parte da filosofia que trata da natureza e as causas da riqueza das nações e também daqueles princípios que regulam e dirigem a conduta humana (Smith, 1776). Por sua vez, Keynes afirmou que a economia não é uma ciência natural, mas uma ciência moral, e o economista deve ser capaz de compreender e analisar os motivos humanos (Keynes, 1919).

Também Schumpeter defende que a economia é uma ciência que lida com a ação humana, e como tal, não pode ser separada da ética e da moral (Schumpeter, 1954). Uma das referências no estudo da ética na economia, o Nobel Amartya Sen, salientou que a economia deve ser vista como uma ciência social que busca entender as escolhas humanas e suas implicações para o bem-estar das pessoas (Sen, 1987).

A ética na economia, portanto, é uma área de grande relevância na compreensão das implicações morais das decisões econômicas. Trata-se de uma compreensão que vem desde os filósofos gregos. O próprio Aristóteles (2001, p. 125) comenta que: “a economia é uma ciência prática que visa ao bem comum”. No entanto, a economia moderna foi no sentido oposto, se emancipando da ética, ou simplificando-a ao extremo ao afirmar que o consumidor apenas maximiza a sua utilidade e o produtor maximiza o lucro.

Pra não ficar apenas nos clássicos antigos, várias pesquisas pós anos 2000 salientam também o valor do estudo da ética para a ciência econômica. Por exemplo, Stiglitz (2002) sustenta que a globalização exacerbou desigualdades e exploração, tornando essencial uma abordagem ética na economia. De Martino (2011) reforça que os economistas devem assumir responsabilidade moral por suas recomendações políticas. Ademais, a ética econômica não é apenas uma questão teórica; ela tem implicações práticas significativas. McCloskey (2015) argumenta que as virtudes burguesas, como honestidade e responsabilidade, são essenciais para o sucesso econômico sustentável. Por sua vez, Chang (2011) critica a ideia de que o mercado é moralmente neutro, enfatizando que as decisões econômicas têm consequências sociais e ambientais.

A abordagem ética na economia também envolve considerar as limitações da teoria econômica. Hausman (2012) destaca que os modelos econômicos não podem capturar completamente a complexidade das decisões humanas. Nelson (2006) propõe uma economia mais “humana”, considerando as necessidades e valores das pessoas, e Olsen (2013) recomenda que impacto ético das políticas econômicas deve ser analisado e avaliado. Em síntese, a ética é fundamental para uma economia responsável e sustentável, pois deve buscar equilibrar eficiência e justiça social (Ikeda, 2013).

A relação entre ética e economia é complexa. Enquanto Smith (1776) defende a “mão invisível” do mercado, Marx (1867), critica a exploração capitalista. O fato é que, um bom propósito para a ética econômica é buscar o equilíbrio de interesses individuais e coletivos (Sen, 1987). Entre as teorias éticas em economia temos: a) **utilitarismo**: maximizar a felicidade geral (Mill, 1861); b) **deontologia**: respeitar regras morais universais (Kant, 1785); c) **ética virtuosa**: desenvolver caráter moral (Aristóteles, 2001). Entre algumas das importâncias da ética em economia temos: a) **Responsabilidade social**: empresas devem

considerar impactos sociais (Carroll, 1991); b) **Sustentabilidade**: equilibrar crescimento econômico e meio ambiente (WCED, 1987); c) **Justiça distributiva**: equidade na distribuição de recursos (Rawls, 1971).

A integração da ética na economia enfrenta desafios, como: 1. Conflitos entre interesses econômicos e morais; 2. Dificuldade em medir impactos éticos; 3. Necessidade de regulamentação eficaz

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo é de natureza exploratória tendo como procedimento metodológico a Pesquisa Bibliográfica. Foi realizado um levantamento exaustivo de todos os artigos, em português e inglês, entre 2000 e 2024. Não se desprezou artigos sem citação. A ferramenta de busca utilizada foi o *Google Scholar* (<https://scholar.google.com.br/>). O *software Publish or Perish* foi utilizado para facilitar a triagem.

Os descritores utilizados para o levantamento de textos foram: ética e economia; ética e ciência econômica; moral e ciência econômica; *ethics and economic Science*; *teaching ethics economics*; *teaching moral economics*; *teaching moral economy*. O critério principal de relevância dos artigos foi a quantidade de citações e estar publicado em periódico científico em vez de evento. Foram encontrados um total de 245 documentos. A maioria dos textos tratam de alguma relação entre ética e fatos econômicos. Poucos tratam sobre a importância do estudo da ética e/ou moral na ciência econômica.

Se reconhece que a quantidade de citações descritas na ferramenta de busca *Google Scholar* pode não ser exata, mas também pouco interfere no ranqueamento dos trabalhos. No levantamento de dados, optou-se por configurar a busca de artigos amarrando os descritores apenas ao título do artigo. Na pesquisa do estado da arte, tem-se utilizado a ferramenta de busca do *Google* para o levantamento de artigos científicos, haja vista a quantidade maior de artigos encontrados em relação às bases de dados como *SCOPUS* ou *Web of Science*.

Levantada a pesquisa, foi necessário filtrar duplicidades, textos jornalísticos ou não encontrados. Em seguida foram lidos todos os títulos, sendo excluído todos que não tratam do escopo da pesquisa. Numa terceira triagem foram lidos todos os resumos. Por fim, ao restar só os artigos (de periódicos ou eventos acadêmicos) que tratam do tema da pesquisa, todas foram lidas na íntegra.

Após análise bibliográfica, os artigos foram apresentados. Com isso, se identificou as principais tendências, preocupações mais salientes e lacunas de pesquisa. Disso resultou as sugestões de pesquisas futuras.

4 RESULTADO

Artigos científicos que tratam especificamente sobre economia e ética, e que contribuem para destacar a importância do ensino da ética na ciência econômica são escassos. Poucos se importam com isso. Dentre os poucos que tratam do assunto, há os que abordam de forma direta sobre ensino de economia, e outros que tratam de uma relação entre ética e economia, sem tocar no tema do ensino, mas que, conseguem ajudar

no entendimento do valor dos temas abordados dentro de um curso de graduação ou pós de ciências econômicas. Foram encontrados 25 artigos, publicados em português e inglês. Aborda-se abaixo a contribuição de cada pesquisa.

O primeiro trabalho, de Marinescu (2011), apela para a importância da honestidade do pesquisador como princípio de vida e, perante a relatividade dos padrões éticos da pós-modernidade, recomenda às virtudes da lógica e da fé na verdade e na justiça, para que as contribuições científicas sejam mais rigorosas. Por sua vez, Baluta e Rada (2023), elencam temas econômicos que podem ser enriquecidos pela reflexão ética. Destacam, por exemplo, alternativas éticas ao liberalismo, que são: a doutrina cristã, o liberalismo social e o humanismo. Também destacam temas que podem ser analisados moralmente, são eles: a busca feroz do ser humano pelo lucro; a proteção ambiental como necessidade para a existência humana; o dilema eficiência da produção versus equidade da distribuição das necessidades de vida; emprego; e intervenção exagerada do estado na economia.

Ormart, Fernández e Esteva (2012) encontraram várias deficiências que são obstáculos para o avanço da formação ética de alunos de ciência econômica. Os autores entendem que o desenvolvimento científico deve servir ao bem-estar da humanidade, portanto, pensar na ética como um eixo central da universidade ajudaria a atingir esse objetivo maior. As deficiências são as seguintes: a) conteúdos que deixa de fora problemas relevantes e atuais, bem como a falta de interdisciplinaridade para lidar com problemas morais da sociedade como pobreza, fome e finitude dos recursos naturais; b) modificações curriculares que se correlacionam apenas com as mudanças no mercado, em vez de orientar o currículo universitário com base nas demandas sociais locais; c) conceber o ensino superior como um bem comercializável gerando segregação e exclusão (universidade como mercadoria); d) evasão associado à segregação do acesso ao ensino superior para as massas (que mostram diferenças nas condições educacionais e sociais anteriores à admissão); e) ética na educação universitária apenas como uma disciplina específica e isolada; f) e, finalmente, no campo específico da economia, a separação da economia e da ética, e da economia e da política. Perante isso, os autores oferecem as seguintes sugestões: o ensino superior como um bem e direito público; presença da ética no design interdisciplinar; reorganização das estruturas e departamentos acadêmicos de acordo com os problemas atuais; visão crítica, analítica e comprometida sobre o exercício do próprio papel, seja de professor ou aluno; o aluno como “cooperador na discussão, participante ativo na construção de soluções para problemas éticos compartilhados; desenvolvimento da sensibilidade moral dos alunos; inclusão de filmes e trabalho em projetos comunitários nas metodologias de ensino; reforço entre ética, política e economia a partir de um exercício crítico das ideias liberais.

Jadhav *et al.* (2011) é favorável ao estudo do fenômeno do aquecimento global em perspectiva ética visando superar os impactos sociais. Já Teixeira (2023) explorou convergências e nuances da visão protestante e da visão católica sobre o problema do trabalho infantil. Por sua vez, Racy (2010) faz uma reflexão sobre o significado de fetiche em Marx na teoria econômica e suas implicações para o próprio pensamento econômico. Apoiado na categorização marxista do fenômeno, o texto explora criticamente elementos morais na interpretação da realidade predominante no campo da ciência econômica.

Etzioni (2015) revisou estudos que exploram a relação entre economia e comportamento antissocial e degradante. A pesquisa revelou que economistas e estudantes de economia são mais propensos a exibir uma gama de comportamentos e atitudes morais degradantes. Também há evidências de que há uma ambivalência de causalidade entre tendências antissociais e o interesse no estudo da economia.

Com argumentos da economia moral e do ensino social católico, Kohls e Christensen (2002) afirmam que as organizações deveriam ter a responsabilidade de considerar os efeitos da distribuição de riqueza de suas decisões de criação de riqueza. Já Coate e Mitschow (2013) mostram como os resultados econômicos do livre mercado são compatíveis com as metas da Doutrina Social Católica. Defendem que é imprescindível uma discussão que insira exemplos morais nos negócios.

Davis (2023) afirma que, como um campo interdisciplinar, economia e ética têm sido ensinadas de formas distintas e separadas. O autor propôs então uma nova metodologia. O curso foi estruturado em torno de cinco módulos: a) maneiras como a economia influencia a ética: a visão de mercado; b) maneiras como a economia influencia a ética: racionalidade e eficiência; c) maneiras como a ética influencia a economia: limites morais dos mercados; d) maneiras como a ética influencia a economia: domar o mercado; e) exercício de conclusão de curso: racionamento de assistência médica, na qual se exige que os alunos classificassem quem tinha prioridade de atendimento de casos individuais de circunstâncias de vida variadas extraídos de Cookson e Dolan (2000).

Para Su e Colander (2023), a ética deve ser parte integrante da economia, não apenas um apêndice. Sugere ser essencial deixar esse ponto claro para os alunos logo no início do estudo de economia. Outro elemento a ser salientado com força durante um curso de ética em economia é o fato da ética ser central para conclusões políticas, e que, a economia científica, por si só, não chega a nenhuma conclusão política. Os autores entendem que, tentar ensinar de forma significativa, mais do que essa simples ideia no curso, muito provavelmente falhará.

Duls (2006), que em vez de usar o termo ética usa a filosofia econômica, sustenta que, além de não ser ensinada com frequência, não é fácil de ser ensinada. Envolve investigação sobre suposições implícitas dentro da ortodoxia econômica e de suas alternativas ideológicas. Sugere que a disciplina seja trabalhada como uma crítica à economia neoclássica e ao utilitarismo.

Earl (2012) explora uma série de questões éticas que precisam ser abordadas adequadamente se a economia do mundo real quiser alcançar uma presença maior e duradoura na sala de aula de economia. É dada atenção às ambiguidades da realidade econômica, e o quanto isso beneficia o estudo moral na academia. Por sua vez, Muñoz e Encinar (2023) afirmam que diferentes abordagens para a análise da relação entre ética e economia têm diferentes implicações tanto para o desenvolvimento teórico quanto para o ensino de ética para economistas. Eles propõem uma mudança de perspectiva, focando na ação econômica em vez da escolha econômica. A abordagem do plano de ação permite passar de uma concepção de economia entendida como uma lógica de escolha para uma economia entendida como uma teoria de produção de ação onde a ética se integra à economia de uma forma mais natural.

Já Stapleford (2000) afirma que os atuais livros didáticos introdutórios de economia fazem um ótimo trabalho ao apresentar as estruturas técnicas e conceituais que fundamentam o sucesso econômico do sistema de mercado. Com isso, fornecem ampla oportunidade para os professores introduzirem questões éticas em sala.

Ramírez (2017) contribui relatando que o ambiente atual de corrupção empresarial e financeira na Espanha aumentou nos últimos anos. Para reduzir o escopo desse problema, o Código Penal Espanhol (LO 1/2015) introduziu códigos de conduta e ética para incentivar uma nova cultura de respeito às leis para empresas e funcionários. Um Grupo de Inovação Educacional da Universidade da Extremadura propôs um modelo transversal para estudar ética, em um esforço para abordar preocupações sobre as consequências de atos ilegais na sociedade e nas empresas. Os alunos de Negócios, Finanças e Contabilidade são obrigados a praticar a tomada de decisões éticas por meio de sentenças judiciais para desenvolver “competências éticas”. Os resultados evidenciaram que uma alta porcentagem de alunos valida esta metodologia como uma forma de melhorar as habilidades de tomada de decisão ética na Universidade que serão aplicadas a futuras práticas empresariais.

Mathews (2022) relata a importância de se estudar ética e política quando se trata do uso eficiente dos recursos naturais. O autor reconhece o papel da ética em sua pedagogia. O ensino explícito de ética promove a transparência e ajuda a desenvolver as habilidades de pensamento crítico dos alunos, ao mesmo tempo em que garante a prática profissional apropriada e a inculcação de ética de pesquisa adequada.

Já Vallet (2024) argumenta que a educação econômica precisa ser sustentada por um novo “sistema de ética” cujo objetivo é ajudar os alunos a obter uma melhor compreensão dos desafios globais de hoje. Dada a ausência de uma única verdade universal em questões éticas, este “sistema de ética” combina a “ética da verdade” e a “ética da responsabilidade” de Weber de uma forma que visa incutir nos alunos “atitudes” em referência aos fins globais e valores sociais, conforme defendido por Albion W. Small. Uma abordagem ética à educação econômica nos força a considerar as relações de poder nas atividades econômicas e, por essa razão, a consideração de que a produção e distribuição de recursos econômicos é uma questão de justiça.

Por sua vez, Huhn (2014) argumenta que a economia como disciplina científica passou por três fases – cada uma delas a afastando ainda mais do que claramente deveria ser e do que seu fundador pretendia que fosse: uma ciência social. Da visão de Smith sobre a economia como ciência social, passando pela economia do século 19, onde as ciências naturais foram adotadas como modelo (economia como física social) até o entendimento atual, que parece definir a economia como uma ciência formal (economia como matemática). A economia, e com ela a gestão, foi sistematicamente alterada nos últimos 200 anos e, durante esse tempo, a abordagem do ator racional ganhou status paradigmático inatacável, apesar de suas deficiências óbvias. Perguntas sobre o papel da ética raramente são feitas, pois a ética não desempenha nenhum papel no que se tornou uma ciência formal. Críticas parciais e especialmente críticas de tendências mais recentes na teoria empresarial não serão capazes de abalar uma ideologia de 200 anos. Se alguém quiser mudar a maneira como a gestão é ensinada nas escolas de negócios no que diz respeito à ética e à epistemologia, será

preciso abordar sistematicamente os próprios fundamentos da teoria empresarial criada há duzentos anos.

Wilber (2004) se concentra na interação entre ética e economia, tanto na teoria econômica quanto na política econômica. Ele examina as três maneiras pelas quais a ética é importante na economia: 1. Economistas têm valores éticos que ajudam a moldar a maneira como fazem economia. 2. Atores econômicos têm valores éticos que ajudam a moldar seu comportamento. 3. Instituições e políticas econômicas impactam as pessoas de forma diferenciada e, portanto, avaliações éticas devem suplementar avaliações econômicas. O autor conclui que a economia seria muito enriquecida se reconhecesse que não há alternativa para trabalhar a partir de uma visão de mundo.

Para Pinho (2005), a concepção naturalista da sociedade do capital, típica da chamada ciência econômica, a torna instrumento ideal (ideologia) da reprodução social desta forma de vida fundada em fortes contradições sociais. A crítica que fazemos à chamada ciência econômica, fundada no plano ontológico, nos leva a determiná-la enquanto ciência antiética, pois a mesma constitui instrumento ideal de manipulação e de reprodução de uma forma da vida social, a sociedade do capital, baseada em fortes contradições sociais e na contradição entre o interesse particular e o interesse universal. A crítica ontológica nos leva à crítica lógico-gnosiológica e, assim, se determina que o estágio atual de desenvolvimento desta ciência enquanto fundado na hipocrisia, pois, para defender o capital, oculta as descobertas científicas dos clássicos. O autor determinou a ciência econômica enquanto ciência antiética a partir da obra de Marx e de Lukács.

Já para Gama *et al.* (2013), a fraude acadêmica cometida por alunos universitários é um problema de ordem institucional e social, com efeitos nocivos na eficiência do mercado de trabalho e comprometedores da confiança da sociedade nas organizações, especialmente grave no caso de futuros decisores gerenciais. O propósito da pesquisa foi estudar a atitude dos alunos de administração e economia perante a fraude acadêmica, a sua percepção sobre a frequência desta, a gravidade que atribuem aos diferentes tipos de fraude, o que a motiva e o que a poderá inibir. Os resultados revelam a prevalência da fraude associada à avaliação por exame escrito e a significativa ausência de denúncia de fraude, destacando a transação de trabalhos acadêmicos como a prática mais condenável. O estudo também revela que o principal motivo para transgredir está relacionado com o sucesso acadêmico, e que o principal fator inibidor é a dissuasão.

Kamphorst e Zambam (2014) examinam a necessidade de aproximação entre a ética e a economia a fim de avaliar e ordenar com justiça as relações econômicas e sociais. A partir do pensamento de Amartya Sen, essa reflexão propaga a necessária valoração das condições de justiça, a administração equitativa dos recursos disponíveis, a realização da pessoa na condição de agente, o desenvolvimento das capacidades e a estruturação do modelo de desenvolvimento sustentável. A unidade efetiva entre a ética e a economia fortalece a democracia, fomenta o exercício da liberdade, a realização humana e contribui para a efetivação da justiça social. A atuação das instituições, do estado, do mercado, das pessoas e dos demais atores se torna, assim, dinâmica e guiada pelos valores mais importantes da humanidade.

Bianchi (2019) pensa que a economia comportamental tem avançado bastante desde a concepção de precursores como Amartya Sen, inspirado pelos ensinamentos de Kant. Questões de natureza ética são inevitavelmente afloradas pela pesquisa nessa área, bem como pela aplicação de seus resultados na orientação da política pública. Isso significa que essas questões devem ser enfrentadas, e não escamoteadas. Os economistas devem ter em mente valores e normas sociais implícitos no delineamento de suas pesquisas e, no lado aplicado, na formulação de suas propostas de intervenção.

Farinon (2024) apresenta resultados da pesquisa bibliográfica na matriz teórica de Amartya Sen, localizando a democracia e a alteridade como respostas políticas e éticas à metafísica da economia. Em perspectiva filosófica, teorizou-se sobre a democracia como espaço privilegiado de promoção das liberdades instrumentais e da liberdade substantiva e também acerca da perspectiva de alteridade que se abre na obra de Sen conforme a fundamentação plural e a não maximização do autointeresse. A educação é defendida muito mais do que uma oportunidade social, sendo ato de formar o comportamento de infinito no horizonte histórico finito. Igualmente, defendeu-se a guinada que a educação precisa fazer em direção à esfera existencial, enquanto formação para a corresponsabilidade por pertencermos a um mundo comum.

Kuczkowski e Soares (2016) buscaram compreender até que ponto o projeto presente no utilitarismo clássico de Bentham e Mill pode ser considerado o fundamento moral da teoria econômica do capitalismo contemporâneo. Para isso, buscaram identificar as características centrais tanto do utilitarismo de Bentham quanto do de Mill. A partir da identificação dessas características, procurou-se reconhecer as diferenças e semelhanças entre tais pensadores. As principais conclusões foram que Bentham e Mill são defensores do princípio da utilidade, que ambos sustentam um hedonismo moral, porém divergem principalmente na concepção e na classificação do que são dores e prazeres. Uma das principais consequências dessa divergência é que, para Bentham, o próprio indivíduo é o critério da classificação dos prazeres, enquanto para Mill, essa distinção fica a cargo do que ele chama de juízes competentes. Por fim, a pesquisa parece indicar que o utilitarismo clássico não está na base da teoria econômica assim com aponta a hipótese de Hunt.

Segue abaixo uma reflexão sobre as pesquisas acima.

5 DISCUSSÃO

5.1 A centralidade negligenciada da ética na formação em economia

A análise dos 25 trabalhos revisados revela um consenso implícito: embora a ética seja reconhecida como dimensão fundamental da vida social e econômica, sua inserção no ensino superior de economia permanece fragmentada e, muitas vezes, periférica. Marinescu (2011) e Etzioni (2015) destacam que tanto a prática científica quanto a formação do economista estão vulneráveis a desvios morais, apontando para um padrão recorrente: a negligência ética tende a produzir consequências não apenas para a pesquisa, mas também para os comportamentos dos agentes formados na disciplina. Esse dado sugere que o ensino de ética não pode ser considerado opcional, mas estrutural para a formação do economista.

5.2 Abordagens descritivas e normativas

Identificou-se uma tensão entre abordagens descritivas da ética – que a inserem como complemento às estruturas econômicas já existentes – e abordagens normativas, que propõem redefinir os fundamentos da disciplina. Baluta e Rada (2023) exemplificam a primeira vertente, ao discutir dilemas clássicos como lucro versus equidade. Já Muñoz e Encinar (2023) representam a segunda, ao defenderem a mudança do foco da “escolha econômica” para a “ação econômica”. Essa distinção sugere a existência de duas linhas teóricas em disputa: uma de adaptação incremental e outra de reconstrução epistemológica.

5.3 Estruturas institucionais e crítica histórica

As contribuições de Ormart, Fernández e Esteva (2012) evidenciam deficiências ligadas à mercantilização da universidade e à redução curricular às exigências de mercado. Confrontadas com a crítica de Pinho (2005), que caracteriza a economia como “ciência antiética”, e com a análise histórica de Huhn (2014), que mostra a formalização progressiva da disciplina, percebe-se que a exclusão da ética não é acidental, mas resultado de um processo histórico. Portanto, a ausência de ética no ensino de economia expressa uma tradição intelectual consolidada, e não apenas uma falha pedagógica.

5.4 Pedagogias de inserção versus projetos de reconstrução

Os estudos também revelam uma clivagem: parte dos autores (Stapleford, 2000; Su; Colander, 2023; Davis, 2023) propõe metodologias pedagógicas concretas para inserir ética em sala de aula, enquanto outros (Huhn, 2014; Muñoz; Encinar, 2023; Pinho, 2005) defendem que qualquer pedagogia será ineficaz sem mudanças mais amplas nas bases epistemológicas da ciência econômica. Essa distinção abre espaço para compreender dois caminhos distintos: a ética como prática pedagógica transversal ou como redefinição do próprio estatuto da economia.

5.5 A ética como competência prática

Pesquisas que tratam da ética aplicada à tomada de decisão (Ramírez, 2017; Mathews, 2022; Vallet, 2024) apontam que o ensino explícito de ética desenvolve pensamento crítico, responsabilidade social e julgamento profissional. Em contraste, o estudo de Gama *et al.* (2013) sobre fraude acadêmica demonstra que, sem uma cultura ética robusta, prevalecem motivações utilitaristas e comportamentos oportunistas. O contraste revela que a ética não apenas forma valores, mas também constitui competência prática para lidar com dilemas reais.

5.6 Tradições filosóficas em diálogo

O mapeamento dos referenciais teóricos evidencia duas grandes vertentes: uma ligada a Amartya Sen, associada a Kant (Bianchi, 2019) e retomada na chave da democracia e da alteridade (Farinon, 2024); e outra inspirada em Marx, que denuncia a economia como ideologia antiética (Racy, 2010; Pinho, 2005). Essa dualidade sugere que a ética pode ser

entendida tanto como horizonte normativo para reorientar a prática econômica quanto como critério crítico para desvelar contradições estruturais da disciplina.

5.7 Transversalidade da ética no currículo

Autores como Ormart, Fernández e Esteva (2012), Davis (2023) e Vallet (2024) defendem a transversalidade da ética, propondo que ela seja um eixo organizador do currículo e não uma disciplina isolada. Esse padrão sugere um deslocamento da ética como adendo formativo para a ética como fundamento da prática acadêmica, exigindo uma visão holística da educação econômica.

5.8 Ética e crises globais

Estudos sobre aquecimento global (Jadhav *et al.*, 2011), distribuição de riqueza (Kohls; Christensen, 2002) e corrupção empresarial (Ramírez, 2017) revelam que dilemas éticos são centrais para os maiores desafios contemporâneos. Essa convergência aponta para uma conclusão importante: um ensino de economia desprovido de reflexão ética não apenas falha na formação cidadã, mas se mostra incapaz de preparar estudantes para atuar diante de problemas globais de sua geração.

5.9 Ética religiosa e ética secular

Outro padrão relevante é a coexistência de perspectivas religiosas (Stapleford, 2000; Coate; Mitschow, 2013) e seculares (Wilber, 2004; Vallet, 2024). Esse contraste levanta uma questão fundamental: como construir uma pedagogia ética que seja crítica, plural e aplicável em diferentes contextos culturais, sem se reduzir a um dogma específico? Esse ponto amplia o debate sobre a diversidade de fundamentos éticos no ensino da economia.

5.10 Síntese teórica emergente

A partir da revisão, três proposições teóricas podem ser sintetizadas: (a) a ética deve ser considerada eixo estruturante da economia, e não disciplina acessória; (b) sua ausência histórica decorre da formalização e neutralização da ciência econômica, exigindo esforços de recuperação crítica; e (c) sua presença é condição para formar economistas capazes de enfrentar crises globais com responsabilidade social e sensibilidade moral. Assim, o ensino de economia deve ser repensado à luz da ética não apenas como valor normativo, mas como requisito epistemológico e prático para a formação universitária.

Em síntese, a revisão dos trabalhos evidencia que a ética, embora amplamente reconhecida como essencial, permanece marginal no ensino da economia. O presente estudo avança ao propor que a questão não deve ser tratada apenas como escolha pedagógica, mas como redefinição do próprio estatuto epistemológico da disciplina. Ao identificar padrões recorrentes – como a tensão entre abordagens descritivas e normativas, a transversalidade curricular e a conexão entre ética e crises globais –, este artigo contribui para sistematizar um quadro teórico capaz de orientar futuras pesquisas e intervenções educacionais. Assim, sustenta-se que inserir a ética na formação em economia não é apenas uma medida de

adequação acadêmica, mas condição necessária para formar economistas aptos a enfrentar os dilemas sociais e ambientais do século XXI.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi levantar bibliografia que trata sobre a importância da ética como disciplina teórica no curso de economia e fazer reflexões sobre sua importância. O levantamento permitiu concluir que a pesquisa econômica não tem a ética como prioridade em seu ensino. Poucos são os autores que trabalham a questão. E os resultados são bastante heterogêneos. Entre esses pesquisadores, alguns são ligados à religião, principalmente à cristã, outros são marxistas, ou discípulos de Amartya Sen.

Os autores, claramente, notam a falta de interesse na relação entre economia e ética. Disso decorre um esforço de defesa da importância da ética, de modo a levantar inclusive resultados positivos de seu estudo e aplicação, e resultados ineficientes quando sua aplicação é negligenciada em algum nível. Honestidade e uma tomada de decisão mais eficaz são algumas das vantagens de quem possui o valor ético mais desenvolvido.

O utilitarismo como sistema ético da sociedade pós-moderna é frequentemente criticado, tendo sido evidenciado nos alunos e professores de economia alguma correlação entre este sistema e uma propensão a comportamentos degradantes, oportunistas, mesquinhos ou antiéticos. Por isso a tendência e a crítica recorrente ao utilitarismo entre os autores de economia e ética, o que explica o estudo e a proposta de outros sistemas éticos, como por exemplo, o cristão e o kantiano.

Também são sugeridas ferramentas para atenuar o problema da falta de interesse do aluno de economia pela ética, como fazer apelo emocional sobre o valor da ética já na introdução da aula, ou ainda, usar a história como ciência de auxílio para observar como a ciência econômica era diferente no passado.

Dentre os mais de 200 artigos encontrados pela triagem bibliográfica feito via *google acadêmico*, pouco mais de 10% se aproveita para o foco desta pesquisa, que é o ensino na ciência econômica, e, não, na realidade econômica. Infelizmente, os posicionamentos parecem ainda superficiais, genéricos e esparsos. A maioria sequer tem citações, e as que tem, são em pequeno número.

A revisão sistemática dos trabalhos analisados evidencia que a ética ocupa um lugar paradoxal no ensino de economia: ao mesmo tempo em que é reconhecida como elemento indispensável para a formação cidadã e profissional, segue relegada a um papel periférico ou meramente complementar. Essa marginalização não se deve apenas a limitações pedagógicas, mas, possivelmente, a um processo histórico de formalização da disciplina, que privilegiou a neutralidade metodológica e a abstração matemática em detrimento da reflexão moral.

Com isso, este trabalho evidencia que a inclusão da ética no currículo dos cursos de economia não deve ser realizada de forma isolada, mas, sim, como eixo estruturante capaz de articular diferentes dimensões do saber econômico. Além disso, identificaram-se duas linhas predominantes nessa discussão: a que propõe abordagens pedagógicas incrementais, visando sensibilizar a ética dos discentes, e a que propõe uma reconstrução epistemológica mais profunda, reposicionando a ética como base da própria ciência econômica. Ambas as

perspectivas, embora distintas, convergem para a necessidade de superar o tecnicismo que ainda marca a formação acadêmica do economista.

A contribuição original desta pesquisa consiste em sistematizar essas tensões em um quadro analítico que destaca três proposições centrais: (a) a ética deve ser tratada como princípio transversal e não como adendo curricular; (b) sua ausência decorre de escolhas históricas e institucionais, e não de mera desatenção pedagógica; e (c) sua presença é condição prática e epistemológica para formar profissionais capazes de lidar com dilemas sociais, ambientais e políticos de escala global. Nesse sentido, este trabalho fornece uma base conceitual para repensar o ensino de economia em uma chave mais crítica e responsável.

Pra quem interessa pesquisar sobre o tema, o ambiente é praticamente inexplorado e ignorado. A ciência econômica parece desejar a emancipação da ética, aumentando o hiato em vez de diminuir. Sugere-se pesquisas em outras línguas, talvez espanhol, francês, italiano, e outras, de modo a evidenciar o quanto cada país se interessa pelo tema. Outro estudo pode analisar os planos pedagógicos das principais faculdades de economia do mundo, analisando seus programas, disciplinas e cursos de ética, bibliografias escolhidas e posicionamentos defendidos.

Também seria interessante pesquisar sobre o desenvolvimento de metodologias pedagógicas inovadoras que articulem ética e economia de maneira interdisciplinar, ou ainda uma investigação empírica do impacto da formação ética na prática profissional de economistas em diferentes contextos. Tais caminhos podem consolidar um campo de pesquisa emergente que, ao integrar ética e economia, contribua não apenas para o fortalecimento da ciência econômica, mas também para a construção de sociedades mais justas e sustentáveis.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Mário da Gama Kury. São Paulo: Atlas, 2001.
- BALUTA, A. V.; RADA, A. C. Contributions to the ethics of economic Science. Liberalism and its alternatives. **Journal of Intercultural Management and Ethics**, v. 6, n. 2, p. 33-47, 2023.
- BIANCHI, A. M. A ética na Economia Comportamental uma breve incursão. In: ÁVILA, F.; BIANCHI, A. M. (org.). **Guia de Economia Comportamental**. Tradução Laura Teixeira Motta. 2. ed. São Paulo: EconomiaComportamental.org, 2019. p. 221-226, 2019.
- CARROLL, A. B. The pyramid of corporate social responsibility. **Business Horizons**, v. 34, n. 4, p. 39-48, 1991.
- CHANG, H.-J. **23 coisas que não nos contam sobre capitalismo**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2011.

COATE, C. J.; MITSCHOW, M. C. Free Market Economics Supporting Catholic Social Teaching: A Moral Exemplar for Business Persons, Moral Saints and Moral Exemplars, **Research in Ethical Issues in Organizations**, v. 10, p. 41-62, 2013.

COOKSON, R.; DOLAN, P. Principles of Justice in Health Care Rationing. *Journal Med. Ethics*, v. 26, n. 5, p. 323-329, 2000.

DAVIS, J. B. Teaching economics and ethics. In: **Handbook of Teaching Ethics To Economists**, p. 293-305, 2023.

DE MARTINO, G. **O juramento do economista: sobre a necessidade e o conteúdo da ética econômica profissional**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora 34, 2012.

DULS, L. A. Teaching economic philosophy: economics, ethics and the Search for the right maximand. **Australasian Journal of Economics Education**, v. 3, n. 1&2, p. 125-152, 2006.

EARL, P. E. Real-World economics and the ethics of teaching. **World Economics Association Online Conference on Ethics in Economics**, p. 1-24, 2012.

ETZIONI, A. Moral effects of teaching economics. In: **Libray of Public Policy and Public Administration**, v. 11, p. 87-95, 2015.

FARINON, M. J. Educação democrática e alteridade: respostas política e ética à metafísica da economia. **Educação & Sociedade**, 2024.

GAMA, P.; PEIXOTO, P.; SEIXAS, A. M.; ALMEIDA, F.; ESTEVES, D. A ética dos alunos de administração e de economia no ensino superior. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, n. 5, p. 620-641, 2013.

HAUSMAN, D. M. Economic ethics and the limits of economic theory. **Journal of Economic Methodology**, v. 19, n. 2, p. 147-162, 2012.

HUHN, M. The De-ethicisation of economics and teaching business ethics. **Journal Academy of Management**, v. 2014, n. 1, p. 155-172, 2014.

IKEDA, S. The meaning of market failure in economic theory. **Journal of Economic Issues**, v. 47, n. 2, p. 341-354, 2013.

JADHAV, S. L.; CHAVAN, B. L.; BABARE, M. G.; LOMATE, S. S.; THIGALE, S. D. Science, ethics and economic aspects of climate change and need of computer modeling. Conference Paper. **Digital Library of the Commons**, 2011.

KAMPHORST, M. A.; ZAMBAM, N. J. Ética e Economia: reflexões a partir de Amartya Sem. **Clareira Revista de Filosofia da Região Amazônica**, v. 1, n. 2, p. 90-109, 2014.

- KANT, I. **Crítica da razão prática**. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 1785.
- KEYNES, J. M. **As Consequências Econômicas da Paz**. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1919.
- KOHL, J.; CHRISTENSEN, S. L. The business responsibility for wealth distribution in a globalized political-economy: Merging moral economics and Catholic Social Teaching. **Journal of Business Ethics**, v. 35, p. 223-234, 2002.
- KUCZKOWSKI, C. T. D.; SOARES, F. N. A. Uma abordagem ética da economia: o utilitarismo clássico de Bentham e Mill. **5ª MOEPEX**, 2016.
- LAWSON, R. A. Is classroom cheating related to business student's propensity to cheat in the "real world"? **Journal of Business Ethics**, v. 49, n. 2, p. 189-199, 2004.
- MARINESCU, C. Economic Science and postmodernism: Ethics return. **Theoretical and Applied Economics**, v. XVIII, n. 5(558), p. 123-134, 2011.
- MARX, K. **O capital**. Trad. Reginaldo Sant'Anna. São Paulo: Abril, 1867.
- MATHEWS, L. G. Teaching natural resource economics using policy briefs: ethics in pedagogy and practice. In. **Teaching Environmental and Natural Resource Economics**, p. 228-249, 2022.
- MCCLOSKEY, D. N. **Las virtudes burguesas: Ética para la era del comercio**. Trad. Oscar Figueroa Castro. Editora: Fondo de Cultura Economía USA, 2015.
- MILL, J. S. **Utilitarismo**. Trad. Écio Brito. São Paulo: Abril, 1861.
- MUÑOZ, F. F.; ENCINAR, M. I. On the analytical relationship between ethics and economics: some implications for teaching ethics to economists. In. **Handbook of Teaching Ethics to Economists**, p. 188-207, 2023.
- NELSON, J. A. Economics for humans. **Journal of Economic Issues**, v. 40, n. 3, p. 627-637, 2006.
- NONIS, S.; SWIFT, C. An examination of the relationship between academic dishonesty and workplace dishonesty: a multicampus investigation. **Journal of Education for Business**, v. 77, n. 2, p. 69-77, 2001.
- OLSEN, W. Economic ethics and the capability approach. **Journal of Human Development and Capabilities**, v. 14, n. 2, p. 151-166, 2013.

ORMART, E.; FERNÁNDEZ, S.; ESTEVA, P. The case for including ethics in economic Science university programs. **Revista de La Educación Superior**, v. XLI (1), n. 161, p. 55-71, 2012.

PINHO, M. T. B. de. A natureza anti-ética da ciência econômica: para uma ética marxiana. **Revista TOMO**, n. 8, p. 89-116, 2005.

RACY, J. C. Ideologia e economia: fetiche, alienação e moral na ciência econômica. **Revista de Economia Mackenzie**, v. 8 n. 2, p. 89-100, 2010.

RAMÍREZ, R. R. Teaching ethics through court judgments in Finance, Accounting, Economics and Business. **Etikk I Praksis - Nordic Journal of Applied Ethics**, v. 11, n. 1, p. 61-87, 2017.

RAWLS, J. **Uma teoria da justiça**. Trad. Alves Caldas. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

RUMYANTSEVA, N. L. Taxonomy of corruption in higher education. **Peabody Journal of Education**, v. 80, n. 1, p. 81-92, 2005.

SCHUMPETER, J. **História da Análise Econômica**. Trad. Octávio de F. Brito. Rio de Janeiro: FGV, 1954.

SEN, A. **A ideia de justiça**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEN, A. **On Ethics and Economics**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

SMITH, A. **A riqueza das nações**. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril, 1776.

SMYTH, L. S.; DAVIS, J. R.; KRONCKE, C. O. Student's perceptions of business ethics: using cheating as a surrogate for business situations. **Journal of Education for Business**, v. 84, n. 4, p. 229-239, 2009.

STAPLEFORD, J. E. Christian ethics and the teaching of introductory economics. **Journal of Markets & Morality**, v. 3, n. 1, p. 67-87, 2000.

STIGLITZ, J. E. **Globalização e seus descontentamentos**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Editora 34, 2002.

SU, H-C.; COLANDER, D. Teaching ethics to economics students in one lesson. In. **Handbook of Teaching Ethics to Economists**, p. 244-258, 2023.

SUTHERLAND-SMITH, W. Retribution, deterrence and reform: the dilemmas of plagiarism management in universities. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 32, n. 1, p. 5-16, 2010.

TEIXEIRA, A. C.; ROCHA, M. F. Cheating by economics and business undergraduate students: an exploratory international assessment. **High Education**, v. 59, n. 6, p. 663-701, 2010.

VALLET, G. Call of duty: rethinking the relationship between economics and ethics in teaching – walking in the footsteps of Albion Small. **Advances in Economics Education**, v. 3, n. 1, p. 43-59, 2024.

WALKER, J. Measuring plagiarism: researching what students do, not what they say they do. **Studies in Higher Education**, v. 35, n. 1, p. 41-59, 2010.

WCED (World Commission on Environment and Development). **Nosso futuro comum**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: FGV, 1987.

WILBER, C. K. Teaching economics as if ethics mattered. In: E. Fullbrook (Ed.), **A guide to what's wrong with economics**, London: Anthem Press, p. 147-157, 2004.